

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
PRO REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO – PROGRAD
CAMPUS SUL LARANJAL DO JARÍ – AMAPÁ**

**ARIANDNE MARIA PAIXÃO PINHEIRO-200625201
MICHELLE LIDIANE RAMOS RIBEIRO-200325023
ROZILDA PEREIRA FERREIRA-200525201**

**EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
O CASO DO PROJETO SESC LER DE LARANJAL DO JARÍ**

**LARANJAL DO JARÍ/AP
2011**

**ARIANDNE MARIA PAIXÃO PINHEIRO
MICHELLE LIDIANE RAMOS RIBEIRO
ROZILDA PEREIRA FERREIRA**

**EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
O CASO DO PROJETO SESC LER DE LARANJAL DO JARÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, como requisito obrigatório para obtenção de grau em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientador: Msc. Richard Douglas Coelho Leão

**LARANJAL DO JARÍ/AP
2011**

FOLHA DE APROVAÇÃO

ARIANDNE MARIA PAIXÃO PINHEIRO

MICHELLE LIDIANE RAMOS RIBEIRO

ROZILDA PEREIRA FERREIRA

A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
O CASO DO PROJETO LER DO SESC DE LARANJAL DO JARÍ

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais na Universidade Federal do Amapá / Campus Laranjal do Jarí.

Macapá-AP, _____ de _____ de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Richard Douglas Coelho Leão
Universidade Federal do Amapá
Orientador

Prof^ª. Ms. Ana Cristina de Paula Maués Soares
Universidade Federal do Amapá
Membro

Prof.^o. Esp. Raimundo de Lima Brito
Universidade Federal do Amapá
Membro

Dedicamos este trabalho as pessoas que acreditam e buscam meios para transformar o cenário educacional brasileiro e a todos que contribuíram para que pudéssemos discutir a problemática em estudo.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos serão infinitos, pois há muitas gerações e situações que contribuíram para chegarmos a esta etapa de vida.

A Deus por nos dar sabedoria e inteligência, aos nossos pais Maria Valcinete Almeida Paixão e Agostinho Belo Pinheiro, José Mario de O. Lobato e Kelle Nalú P. Ramos, Raimundo C. Ferreira e Maria Maciel Pereira por ousarem acreditar que seria possível vencermos embora as dificuldades.

Aos colegas de turma e amigos particulares que nos fizeram perseverar diante aos desafios e a nossos professores em especial os que tiveram paciência conosco, mas não deixaram de ser coerentes e éticos.

Aos entrevistados desta pesquisa, Maria Lucia Maciel Guimarães, Floriano Machado dos Santos, João Pestana Francisco, Edno Ribeiro de Miranda e outros que participaram como os atores sociais e colaboradores. Sem os quais não teríamos realizados essa monografia. Agradecemos em especial, por compartilharem conosco de forma simples, humilde e às vezes dolorosa um trecho de suas vidas para que fosse construído este trabalho.

Ao nosso orientador, Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto, nosso carinho e gratidão por ter compartilhado conosco seu conhecimento.

E por final ao Prof. Ms. Richard Douglas Coelho Leão pela sua orientação na fase final desta monografia, momento em que presidiu a banca de defesa.

A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para frente.

Soren Kierkegaard

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa com estudantes que evadiram do ensino da Educação de Jovens e Adultos - EJA, no Projeto Sesc Ler no município de Laranjal do Jarí/AP, com o objetivo de compreender os motivos da evasão escolar segundo as justificativas dos próprios ex-estudantes. Assim trabalhamos com dois grupos de ex-estudantes, sendo 10 (dez) do Sub Projeto Ampliando Horizontes, o qual atendeu especificamente alunos trabalhadores de empresas que firmaram parceria com o Serviço Social do Comércio - SESC e 05 (cinco) ex-estudantes sem ligação com o subprojeto. Tomamos como base o levantamento bibliográfico para contextualizarmos a EJA, em seguida fizemos uma pesquisa documental para identificarmos os alunos evadidos, para então sistematizarmos por meio de exposição tabular e gráfica tais informações, utilizando o método estatístico aplicado às ciências sociais, por fim, realizamos entrevistas com esse grupo de alunos usando a abordagem da metodologia de história oral. O resultado da pesquisa indicou 6 (seis) itens como motivo para a evasão escolar em relação ao projeto pesquisado: a dificuldade em conciliar trabalho e estudo, o conflito em família, problemas de saúde, a época de safra da castanha, o desemprego e a distância do Projeto em relação a local de moradia dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos - Serviço Social do Comércio - Projeto Sesc Ler/Subprojeto Ampliando o Horizonte - Evasão Escolar - Laranjal do Jarí

ABSTRACT

This work is the result of a research with students that escape from the EJA – young and Adults Education- teaching, in SESC Reading Project in Laranjal do Jarí/AP municipality, with the objective to understand the reason of the school evasion through the justificative of the students themselves. In this way we work with two students groups, being 10 (ten) from the Extending Horizon Sub Project which helped specifically workers students from enterprises that firmed agreement with SESC – Commerce Social Service - , and 5 (five) students without connection with the Sub Project. We took as embasement the bibliography research to contextualize EJA, after that we did a documentary research to identify the escaped students, in order to systematize through the tabular and graphic exposition the information researched, using the statistic method applied to social science, at last we made interview with this group of students using the methodological approach of oral history. The result indicated 6 (six) itens as reason to the school evasion related to the researched project: 1) the difficulty in combine work with studying , 2) the family conflicts, 3) health problems, 4) castanha-do-Brasil harvest period, 5) the unemployment and 6) the distance between the project and the students home.

KEY-WORD: **Young and adults education** – Commerce Social Service-SESC Reading Project / Horizon Extending Sub Project – School evasion - Laranjal do Jarí.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA: UM RECORTE HISTÓRICO	15
1.1 A EJA NUM CONTEXTO HISTÓRICO.....	15
1.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO AMAPÁ.....	18
1.3 PERSPECTATIVAS DOS EDUCANDOS DA EJA AO CHEGAREM À ESCOLA PÚBLICA.....	20
2 CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO SESC LER – LARANJAL DO JARI.	23
2.1 ESPAÇO GEOGRÁFICO. LARANJAL DO JARÍ/AP.....	23
2.2 ESPAÇO FÍSICO. CENTRO EDUCACIONAL SESC LER.....	25
2.3 PROJETO SESC LER. PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	27
3 MOTIVOS DA EVASÃO NA EJA DO CENTRO EDUCACIONAL SESC LER.	32
3.1 UMA ABORDAGEM SOCIOLOGICA DE A EXCLUSÃO PARTIR DA DIVISÃO DO TRABALHO.....	32
3.2. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	37
3.2.1 Dificuldade em conciliar Trabalho e Estudo.....	42
3.2.2 Conflito Familiar.....	43
3.2.3 Problemas de Saúde e Familiar.....	44
3.2.4 Período de Safra da Castanha.....	45
3.2.5 Desemprego.....	46
3.1.6 Distância.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIA	51
ANEXOS	54
Anexo 1: Roteiro para Realização de Entrevista com Alunos evadidos	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pesquisa de campo: Feira de livro

Figura 2 - Pesquisa de campo: Visita nas salas

Figura 3 - Pesquisa de Campo: Visita domiciliar com a equipe Projeto Ler do SESC de Laranjal do Jari/AP

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Mapa físico de Laranjal do Jarí

Foto 2 – Vista aérea de Laranjal do Jarí

Foto 3 – Enchente em Laranjal do Jarí

Foto 4 – Incêndio em Laranjal do Jarí

Foto 5 – Centro educacional SESC Ler

Foto 6 – Atividades com filhos dos alunos da EJA

Foto 7 – Ações sociais do projeto SESC Ler

Foto 8 - Ações sociais do projeto SESC Ler

Foto 9 – Orientação e planejamento pedagógico

Foto 10 – Visita ao aluno no seu local de trabalho.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: SUBPROJETO AMPLIANDO HORIZONTE. Laranjal do Jari / 2010

TABELA 2: PROJETO AMPLIANDO HORIZONTE. Laranjal do Jari / 2010

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - QUANTITATIVO DE MATRÍCULAS

Gráfico 2 - COMO CHEGOU AO SEU CONHECIMENTO A EXISTÊNCIA
DO PROJETO SESC LER?

Gráfico 3 - O QUE O MOTIVOU A ESTUDAR?

Gráfico 4 - O QUE FEZ VOCÊ DESISTIR DE ESTUDAR?

Gráfico 5 - EXISTIA DIFICULDADE EM CONCILIAR TRABALHO E ESTUDO?

INTRODUÇÃO

A nova ordem mundial na atualidade exige uma séria revisão de atitudes e conceitos no sistema educativo como forma de adequação ao constante mundo de mudanças frente às bases tecnológicas do mundo globalizado, para um novo perfil de estudantes. Portanto, refletir sobre Educação de Jovens e Adultos no presente contexto é um desafio que buscamos desvendar no trabalho de conclusão de curso que ora apresentamos, a partir da experiência do projeto SESC Ler, no Município de Laranjal do Jari.

O tema é de relevância social, pois se trata da busca pela dignidade dos indivíduos que anseiam por meio da educação melhores condições de vida, e assim, vislumbrar um futuro promissor, o que neste estudo, envolve especificamente os estudantes evadidos do Projeto SESC Ler em Laranjal do Jari que escolhemos para analisar e ter como delimitação de monografia.

O objetivo desta pesquisa é identificar os motivos da evasão segundo as justificativas dos estudantes que se evadiram do Projeto SESC Ler. Assim, procuramos conhecer o mínimo necessário sobre o Centro Educacional, onde funcionou o Projeto Sesc Ler, com estratégias tão ricas e que mesmo assim ocorre no seu cotidiano a evasão escolar. Essa realidade, que tínhamos conhecimento por residirmos no município de Laranjal do Jari, nos levou a interessarmos pelo tema e posteriormente a pesquisar o mesmo com finalidade de produção de conhecimentos acadêmicos. Ao longo dessa pesquisa, aos poucos ficamos cientes das abordagens e contradições no tocante à oferta da educação de Jovens e Adultos, da hipocrisia existente entre empregador e o empregado/aluno diante a coerção para o abandono dos estudos, e ao mesmo tempo compreendemos a importância do papel da educação, em particular o papel dos educadores em participar do processo de transformação a partir de suas práticas educativas.

Esta monografia contém três capítulos para estruturação do objeto de estudo. No primeiro capítulo “Abordagem sócio-histórica da escola pública na educação de jovens e adultos”, apresentamos uma breve contextualização histórica dessa modalidade de ensino. No segundo capítulo, intitulado “Caracterização do Projeto Sesc Ler - Laranjal do Jari”, discutiremos sobre o espaço geográfico, físico, metodológico, público e ações do referido projeto. Já no terceiro capítulo, “Motivos

da Evasão na EJA do Centro educacional SESC Ler”, abordaremos o processo de evasão dos alunos na Educação de Jovens e adultos do nosso objeto de pesquisa, que como podemos perceber em nossa abordagem quantitativa, foi de cunho puramente econômico, por isso, empregou-se o método dialético para que assim se realizasse um processo de reflexão-ação acerca dos problemas enfrentados pelos alunos no que se refere ao enfrentamento com suas práticas. A opção por esse método deve-se ao fato do mesmo ter, segundo Lakatos (2000), função precípua de contribuir com as constantes transformações, sejam elas políticas, econômicas ou sociais que penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade

A pesquisa conforme a literatura de metodologia científica, é caracterizada como pesquisa bibliográfica e documental com levantamentos de fontes sobre a História da Educação de Jovens e Adultos, além de documentação referente matrícula dos estudantes do Projeto SESC Ler no período de 2005 a 2008, com finalidade de identificar o quantitativo de alunos evadidos, equivalente a 101 (cento e um) nesse período. Esse quantitativo correspondia aos estudantes que participavam do Sub-Projeto Ampliando o Horizonte. A partir desse dado quantitativo, selecionamos 15 (quinze) ex-estudantes para realizar entrevistas, a qual teve como eixo condutor do diálogo um roteiro na forma de questionário. As respostas dos entrevistados foram transcritas conforme as sugestões metodológicas da obra Manual de História Oral, que consiste em prévio contato com os candidatos a serem entrevistados para estabelecer os critérios para seleção dos mesmos e elaboração do roteiro das entrevistas a partir da inter-relação entre a literatura do tema e dados constatados *in locu*, entrevistas com gravação, transcrição e textualização das entrevistas armazenadas em arquivos, conferência dos dados durante a produção do documento, concessão de carta de depoimento oral aos entrevistados e entrevistadora e cuidados éticos quanto à participação dos entrevistados na pesquisa. (ALBERTI, 2005, p. 119-136 ; p. 174-185).

Através da leitura das fichas de matrículas individuais dos estudantes do Projeto Sesc Ler, obtidas na secretaria do SESC de Laranjal do Jarí, tivemos acesso ao endereço dos alunos que tinham evadidos do projeto. Assim, realizamos o prévio contato com 15 (quinze) ex-estudantes a fim de convidá-los a participar da pesquisa como entrevistados. Esse grupo de ex-estudantes tinha como faixa etária de 22 até

67 anos, 10 deles tinham participado do Sub-Projeto Ampliando o Horizonte e 05 tinham participado do projeto maior de 2005 até 2008. Seleccionamos, a priori 30 aleatoriamente do universo de 101 ex-estudantes, entretanto, conseguimos localizar apenas 15 ex-estudantes, os quais aceitaram participar da pesquisa na condição de entrevistados. Assim, a monografia é de cunho etnográfico, uma vez, que descreve sobre os “Motivos da Evasão na EJA do Centro Educacional Sesc Ler”, considerando-se a realidade social e escolar de um grupo específico de indivíduos, ou seja, ex-estudantes trabalhadores da Educação de Jovens e Adultos.

CAPITULO-1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA: UM RECORTE HISTÓRICO

1.1- A EJA NUM CONTEXTO HISTÓRICO

A educação de jovens e adultos quanto a sua estrutura é muito recente, embora desde o Brasil Colônia já acontecesse mesmo que de forma assistemática, o que equivale dizer que as iniciativas nesse caso, são recentes, uma vez que, anterior a esse período a referência que se tinha era de uma educação apenas voltadas para a doutrinação religiosa. Condição essa que só mudou a partir do Brasil Império, momento em que começaram a acontecer algumas reformas educacionais e estas preconizavam nesse caso, a necessidade do ensino noturno mais precisamente para adultos analfabetos (Porcaro, 2010).

Em 1876, foi feito então, um relatório, pelo ministro José Bento da Cunha Figueiredo, apontando a existência de 200 mil alunos freqüentes às aulas noturnas. Durante muito tempo, portanto, as escolas noturnas eram a única forma de educação de adultos praticada no país. Segundo Cunha (1999), com o desenvolvimento industrial, no início do século XX, inicia-se um processo lento, mas crescente, de valorização da educação de adultos. Porém, essa preocupação trazia pontos de vista diferentes em relação à educação de adultos, quais sejam: a valorização do domínio da língua falada e escrita, visando o domínio das técnicas de produção; a aquisição da leitura e da escrita como instrumento da ascensão social; a alfabetização de adultos vista como meio de progresso do país; a valorização da alfabetização de adultos para ampliação da base de votos (Porcaro,2010, p.1).

Diante desse cenário, podemos dizer ainda, que o índice de reprovação foi um fator determinante para o surgimento da educação de jovens e adultos. Entre os aspectos citados é pertinente destacar o desenvolvimento industrial, mais precisamente no início do século XX, onde a demanda por uma Educação de Jovens e Adultos aumentou, isto porque a partir de 1940, identificaram-se altos índices de analfabetismo no país. O que levou o governo criar um fundo destinado à alfabetização da população analfabeta (Porcaro, 2010). Esse movimento desencadeou outras iniciativas entre as quais está a 1ª Campanha de Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

O primeiro diz respeito ao momento pós-guerra que vivia o mundo, condição essa que levou a Organização das Nações Unidas – ONU, realizar nesse caso, uma série de recomendações aos países, com destaque nessa perspectiva, para a Educação de Jovens e Adultos. O segundo motivo por sua vez, no Estado Novo, que culminou com um processo de redemocratização, gerava a necessidade de se ampliar o contingente de leitores no país (Porcaro, 2010).

Outro referencial para esse processo de implantação de EJA diz respeito a iniciativa do Ministério da Educação em promover a Campanha de Educação de Adolescente e Adulto - CEAA, cujo propósito foi atuar no meio rural e urbano, tendo esses objetivos diferentes, mas diretrizes comuns (Sousa, 2010).

Nesse contexto é pertinente destacar que nesse período realizou-se o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos. E na sequência, mais precisamente em 1952 a 1956 deu-se início a outra campanha denominada Educação de Adolescentes e Adultos - CEAA. Sendo essa uma instituição promotora do desenvolvimento de comunidade no meio rural brasileiro (LOPES; SOUSA, 2010).

Cabe elucidar no âmbito dessa discussão a realização em 1958 do segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos objetivando nessa perspectiva avaliar as ações realizadas na área e visando propor soluções adequadas nesse caso para a questão. Ressalta-se também, que foi nesse encontro que se discutiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que culminou com a elaboração em 1962 do Plano Nacional de Educação (LOPES; SOUSA, 2010).

As mudanças foram sendo realizadas conforme a periodização, sendo que na década de 60 a educação tomou um novo impulso, uma vez que, o Estado se associou à Igreja Católica, mas que com o golpe militar foi reprimida, ficando apenas o Movimento de Educação de Bases - MEB por estar esse vinculado ao Ministério da Educação.

Na década de 70, período em que era ainda vigente a ditadura militar surgiu o Projeto Mobral com finalidade erradicar com o analfabetismo em dez anos. Entretanto, na prática não se amenizou, uma vez que, o censo divulgado pelo IBGE apontou 25% de pessoas analfabetas. Não se pode deixar de citar ainda, o ensino supletivo, implantando em 1971, considerado um marco na história da educação de jovens e adultos. Já na década de 80, mais precisamente em 1985, ocorreu a extinção do Mobral que fora substituído pela Fundação Educar. Isto porque o contexto da chamada redemocratização possibilitou a ampliação das atividades da

educação de jovens e adultos como a nova Constituição de 1988, que trouxe importantes avanços para a EJA, o que tornou o ensino fundamental, obrigatório e gratuito. Assim, essa modalidade de ensino passou a ser garantia constitucional aos indivíduos que não tiveram acesso à educação na idade considerada apropriada (LOPES; SOUSA, 2010).

Na década de 90, a Educação de Jovens e Adultos não foi tão produtiva pois, nesse período a Fundação Educar foi extinta, por conta de se enxugar a máquina administrativa. Após esse período somente em 2003, as discussões e atenções foram voltadas novamente para a Educação de Jovens e Adultos, quando o Ministério da Educação criou o Programa Brasil Alfabetizado que teve como proposta as seguintes ações: alfabetização de jovens e adultos e a formação de alfabetizadores. Atualmente entre idas e vindas desse programa educacional busca-se proporcionar o acesso de todos à educação. Se considerarmos o caminho percorrido até aqui muito já foi feito. Contudo, muito a que se fazer (LOPES; SOUSA, 2010).

No tocante a todo esse processo histórico, há de se refletir sobre a participação dos trabalhadores e trabalhadoras neste processo.

A história tem nos mostrado, muito sabiamente, que é na resistência das mobilizações responsáveis que se constrói os avanços, provocados as transformações, “inclusive as utopias da lei” Levantamos, no entanto, que na história da escola pública brasileira o trabalhador, seja ele, jovem ou adulto, não tenha conseguido adentrar nesta escola, e exigir a qualidade da educação oferecida a seus filhos e a eles próprios, provocando dessa forma a organização de um plano que faça avançar os direitos do povo e a qualidade da educação básica pública e gratuita para todos. Só a história será capaz de nos dizer se esse sonho acalentando por milhões de brasileiros se tornará realidade (MOURA, 2003.p.6).

Nesse contexto, fica claro que não é suficiente so a vontade política, mas a participação ativa da população organizada para exigir educação de qualidade para monitorar e fazer cumprir as metas e ações do campo da educação propostas pelos governos.

1.2- A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO AMAPÁ

A Educação de Jovens e Adultos no Amapá começou a ser ofertada no ano de 1973, a partir da criação da Resolução nº 01/73 pelo Conselho de Educação do Território do Amapá – CETA, através da qual se dispõem normas para a oferta, dos chamados exames de Educação Geral de 1º e 2º graus, mais precisamente no período em que o Estado ainda era Território Federal e administrado pela União (CORREIA, 2006). Sendo assim, neste período a EJA estava regulamentada como modalidade de ensino.

Dessa forma, destaca-se que em 1975, funcionou o curso “João da Silva”, cujo objetivo era a oferta de escolaridade, mais especificamente as séries de 1º Grau. O referido curso foi ofertado pela Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa e sua estrutura foi organizada através do parecer nº 817/72-CFC (CORREIA, 2006).

Neste caso, “O tratamento pedagógico das matérias que constituíam o núcleo comum eram globalizados. A grade curricular era assim organizada: Comunicação e Expressão, Integração Social e Iniciação a Ciência” (Correia, 2006, p. 2). A proposta era oferecer uma educação diferenciada com currículo próprio e diferenciado.

A Educação de Jovens e Adultos no Amapá, mais especificamente em relação ao Ensino Fundamental pode ser situado a partir do seguinte recorte.

O Ensino Fundamental no Ex – Território do Amapá passa a existir oficialmente a partir de 1975 quando foi implantado o Projeto MINERVA que tinha por objetivo oferecer curso preparatório para Exames Especiais que suprissem à escolarização em nível de 5º a 8º Séries a jovens e adultos maiores de 17 anos. Aprovado pelo Parecer nº392/73 – CEF tinha duração de 54 semanas letivas distribuídas em áreas de estudo. O material didático resumia-se a 14 fascículos de estudo, a oferecidos a avaliação acontecia fora do processo, através de exames especiais, oferecidos aos alunos devidamente matriculados, pela Divisão do Ensino Supletivo (DESSU), ao longo do ano (CORREIA, 2006, p.2).

Essa estrutura dava a essa modalidade de ensino caráter de escolaridades formais ao mesmo tempo objetivos que buscavam atender as necessidades da demanda que dela fazia parte. Também é relevante citar no cerne dessa descrição a institucionalização do Programa de Educação Integrada (PEI – 1976), que foi desenvolvido no Amapá com a estrutura de 12 meses letivo e carga horária de 720 horas. Seu objetivo era oferecer a escolarização em nível das quatro primeiras

séries, do antigo 1º Grau a jovem e Adultos maiores de 14 anos. Sua grade curricular era composta de atividades de: Comunicação e Expressão, Matemática, Ciências, Integração Social e Educação para o Trabalho. (Correia, 2006).

Como parte desse processo cabe ressaltar que o Curso Supletivo nesse período também ocorreu via Rádio (SPG), mais precisamente em 1980 a 1994, sendo instituído pelo decreto Presidencial nº 8817/81 e aprovado pelos Pareceres nº19/79 – MEC, com o objetivo de oferecer em nível de preparação para Exames de Educação Geral Especial. (Correia, 2006, p.3)

Destaca-se nesse contexto a implantação em 1986 do curso de suplência para aceleração de Estudos de 1º e 4º séries a jovens e adultos maiores de 14 anos. Sendo esse autorizado pelo parecer nº15/86 – CTA substituiu o Programa de Educação Integrada (PEI). Funcionando com três estruturas diferenciadas (Correia, 2006).

Em 1986 registra-se o surgimento do curso preparatório dos Exames da Educação Geral em nível de 1º Grau, cujo objetivo compreendeu oferecer aos adolescentes e adultos maiores de 16 anos o curso em nível de 5º a 8º série. Sendo em 1990, instituído por meio do parecer nº 31/90 - CEC como curso sistematizado, sem exigência da presença obrigatória. (Correia, 2006, p. 3).

Entre todos os programas desenvolvidos o credenciamento da EJA no Amapá destaca-se que em 1994 a 2000 foi instituído o Curso Supletivo de Alfabetização cuja proposta foi oportunizar jovens e adultos acesso a leitura e escrita, tendo como base os princípios do construtivismo e a metodologia freiriana, sendo o curso regulamentado através da Portaria nº 025/93 – CEG.

Pelos estudos de Vasquez (2008) sabe-se que a oferta à assistência educacional no sistema penitenciário amapaense também faz parte da educação de jovens e adultos, o que em resumo, vem se desenvolvendo ao longo de trinta e seis anos, considerando a sua execução na atualidade.

... 1ª fase (1975-1995) em “rádioposto e teleposto” localizados na Colônia Penal de São Pedro, Penitenciária Agrícola ou Colônia Penal Agrícola e Industrial do Amapá; 2ª fase (1996 a 2004) na escola anexa do Centro de Estudos Supletivos Emílio Médici localizada no Complexo Penitenciário, o qual a partir de 2001 passou a denominar-se Instituto de Administração Penitenciária do Amapá e 3ª fase (2004 a Atual) na atual Escola Estadual São José, localizada no Instituto de Administração Penitenciária do Amapá. (Vasquez, 2008, p. 83-84).

O arcabouço legal para a oferta a assistência educacional no sistema penitenciário amapaense tem como fundamento na atualidade a Lei de Execução Penal (1984), resoluções do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (1994), a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), modalidade educação de jovens e adultos, Plano Nacional de Educação (2001) e outras normativas legais do âmbito internacional, como as Regras Mínimas para o Tratamento dos Presos (1955), como recomendações da Organização das Nações Unidas e outras legislações pertinentes aos sistemas penitenciários locais e secretarias de educação no caso do Brasil. (Vasquez, 2008; Abreu, 2008).

Assim, a história da educação de jovens e adultos no Estado do Amapá, envolve diversos grupos de indivíduos que compõe a comunidade escolar, em cumprimento à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN, 1996, Arts. 37 e 38), o que não nos remete somente a questão de especificidade etária, ou seja, a indivíduos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, mas primordialmente, a questão de especificidade cultural. (Piletti, 1999, p.108; Oliveira, 2005, p. 15).

1.3-PERSPECTATIVAS DOS EDUCANDOS DA EJA AO CHEGAREM À ESCOLA

Sendo uma abordagem eminentemente reflexiva, cuja temática converge na expectativa dos educandos da Educação de Jovens e Adultos ao chegarem ao âmbito escolar, tentamos inicialmente compreender os impactos que a vivência de escolarização tardia gera na vida desses jovens e adultos, explicitando os obstáculos os quais encontram na tentativa de elevar seu nível de escolaridade, uma vez que, por motivos diversos fazem com que estes educandos interrompam seus estudos, além da existência de múltiplos fatores que acabam motivando, facilitando e também dificultando a permanência desta modalidade de ensino nos bancos escolares.

Muito embora a existência de oportunidades educacionais acessíveis adequadas aos demandatários da EJA seja uma condição fundamental para que eles possam retornar e dar segmento à sua formação escolar. Essa condição, por si só, não é suficiente para que obtenham êxito, visto que, tais educandos sentem-se temerosos e inseguros diante da nova vida escolar que há muito ficou esquecida.

Na escola a sala de aula não é um lugar onde se lê porque a escola quer, mas é o lugar em que, em função de compreender a própria história vivida ou contada, lê-se para compreender aquilo que o aluno já traz como saber. Daí, o pressuposto de que o desempenho de cada um, na escola e na vida, é resultado de seu desempenho, capacidade e interesse, sendo o sucesso ou fracasso escolar e social a justa recompensa. (Alves, apud Vale, 2001, P.60).

Dito isso, os educandos jovens e adultos logo que adentram a escola trazem consigo expectativas promissoras, idealizando no seu imaginário uma escola voltada a resgatar o seu desejo de aprender, uma vez que, a escola não deve ter a obrigação de somente garantir aos jovens e adultos, pouco ou não escolarizados, a oferta de oportunidades educacionais adequadas as suas necessidades, expectativas e especificidades. Mas, o desejo de dar certo na vida, mesmo porque, a oferta de oportunidades educacionais não pode ser unicamente suficiente para garantir o resultado feliz dos alunos, entendido como permanência e conclusão do nível de ensino ofertado.

A escola além de oferecer vagas para essa modalidade de ensino precisa criar mecanismos para que esse alunado conserve-se atuante em seus propósitos dentro do educandário escolar, salienta-se também, que não basta oferecer escola, é necessário criar condições de freqüência, utilizando uma política de discriminação positiva, sob o risco de mais uma vez culpar os próprios alunos pelos seus fracassos. (Santos apud Haddad, 2005).

Todavia, deve a escola (...) possibilitar ao educando jovem e adulto o processo construtivo da ampliação do próprio conhecimento através da intervenção sistemática do educador e da vivência com os colegas, numa relação dialógica... (SME-SP-MOVA, 1989 apud VALE, 2001, p. 96).

Assim sendo, a função social da escola como espaço aberto, deve viabilizar a participação, a discussão, e a troca de experiências, fazendo com que os alunos da EJA sintam-se parte integrante deste processo, levando em consideração as experiências de vida, seus conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas.

Além do mais, entender o conhecimento não é apenas ouvir tudo o que o educador expõe como verdade, mas sim reconhecer o entendimento do conhecimento cotidiano como aqueles que os educadores e os educandos, constroem a partir de suas vivências na família, na cidade, no trabalho, nas relações sociais. Como nos diz Freire (1996) o respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.

Assim, a partir desta trajetória de trocas de informações, de respeito para com o outro, o aluno da EJA deve perceber-se como agente participante. Com isso, sua auto-estima torna-se mais elevada, seus temores começam a ser desmistificados e suas inseguranças não desaparecem, mas se tornam menores.

Em meio a todo esse processo, espera-se que o professor desta modalidade de ensino oportunize avanços na área do saber desses sujeitos, pois na verdade, o pouco tempo livre para estudar em casa, o cansaço sentido após a jornada de trabalho e a percepção de possuírem um ritmo de aprendizagem diferente, são fatores que contribuem ainda mais para uma trajetória mais lenta no ato de aprender.

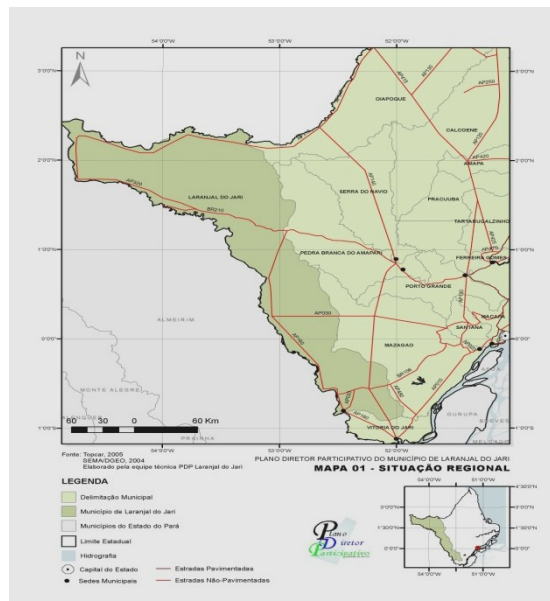
Em face dessas condições é pertinente ressaltar a importância do desenvolvimento de projetos para a prática de Leitura para Jovens e Adultos.

CAPITULO-2 CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO SESC LER DE LARANJAL DO JARÍ

2.1. ESPAÇO GEOGRÁFICO

O município de Laranjal do Jarí foi criado pela Lei Federal nº 7.639 de 17 de dezembro de 1987, desmembrando-se do município de Mazagão. Possui uma área de 31.170,30Km², localizando-se na parte sul ocidental do Estado do Amapá. Limita-se geograficamente com os municípios de: Vitória do Jarí, Mazagão, Pedra branca do Amaparí, Almeirim distrito de Monte Dourado-PA, além de Suriname e Guiana Francesa. Possui uma população de aproximadamente 28.515 habitantes (IBGE, 2000) dos quais a maioria vive em condições de grande vulnerabilidade social.

Foto: 1-Mapa Físico Laranjal do Jarí



Fonte: Plano Diretor de Laranjal do Jarí-AP

Este Município surgiu de um povoado instalado às margens do Rio Jarí chamado Beiradão, desprovido de qualquer condição de saneamento e salubridade, originado a partir da implantação do Projeto Jarí, quando muitos trabalhadores com baixo nível de instrução migraram para a região em busca de emprego na empresa

Jarí Celulose. À margem das riquezas produzidas, o povoado foi crescendo de forma desordenada e sem qualquer planejamento, transformando-se numa extensa área de palafitas caracterizando uma favela fluvial, convivendo com os mais graves problemas sociais imagináveis.

Foto: 2-Vista aérea de Laranjal do Jarí



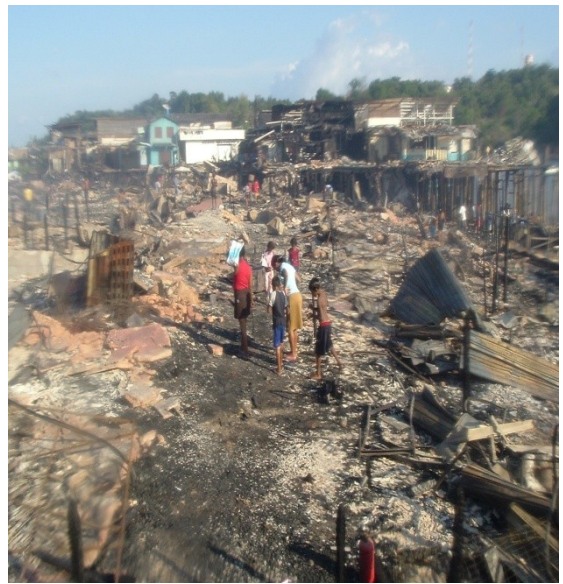
Fonte: Plano Diretor de Laranjal do Jarí-AP

Essencialmente ribeirinho Laranjal do Jarí é uma região de vale arenoso e sujeito as enchentes que já ocorreram nos anos de 2000 e 2008 que inundou toda parte baixa da cidade(foto abaixo), deixando os moradores abrigados em escolas e igrejas na parte alta da cidade. Outro fator que também afeta a população são incêndios que acabam acontecendo devido as casa serem construídas umas próximas as outras às vezes chegam a utilizar a parede do vizinho para construir novas palafitas e qualquer falta de cuidado pode provocar incêndios como mostra (foto abaixo) que ocorreu e afetou boa parte da área comercial e residencial do Município.

Foto:3- Enchente em Laranjal do Jarí



Foto:4- Incêndio em Laranjal do Jarí



Fonte: Plano Diretor de Laranjal do Jarí-AP, 2009. Fonte: Plano Diretor de Laranjal do Jarí-AP, 2006.

Entre tantas problemáticas o índice de analfabetismo é significativo por ser uma cidade que abriga muitos imigrantes oriundos principalmente do nordeste que vem em busca de emprego nas empresas que contratam trabalhadores para realizar serviços braçais como plantio, corte, adubagem, capina e outros.

2.2. ESPAÇO FÍSICO CENTRO EDUCACIONAL SESC LER

O SESC (Serviço Social do Comércio) se organiza como uma federação tendo o Departamento Nacional, sediado no Rio de Janeiro, como um órgão normativo, distribuidor das verbas arrecadadas junto as Federações Estaduais do Comércio, que indica diretrizes para as atividades de todas as áreas onde acompanha, orienta e mantém certa unidade e padrão de trabalho da instituição em todo o Brasil.

Foto:5- Centro Educacional SESC Ler



Fonte: SESC, 2010.

Partindo de um convite do Programa Alfabetização Solidária onde propunha a parceria com o próprio Governo Federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), empresas, universidades, prefeituras e sociedade civil foram convidadas a se empenharem na concretização de ações da Educação de Jovens e Adultos - EJA. O SESC respondeu a este chamado criando assim em 1998, O Projeto SESC LER, com o objetivo de colaborar para a diminuição do analfabetismo de adulto no País, especialmente junto às populações com maiores dificuldades de acesso a cultura letrada.

Nesta época também havia uma demanda interna para a interiorização do SESC, uma intenção da instituição de aumentar o número de unidades operacionais no interior dos Estados da Região Norte, onde o SESC estava presente praticamente apenas nas capitais. Sendo um Projeto financiado pelo Departamento Nacional, coube ao Sesc Regional implantar e organizar estruturalmente, essa interiorização constituindo uma gerência de Educação e Assistência Social, criou equipe responsável pela supervisão e acompanhamento pedagógico presencial e a distancia a qual acompanha os professores, orientadores, encarregados e coordenadores estaduais, dando suporte a todas as necessidades contando com apoio dos setores administrativos do Departamento Regional na realização de viagens frequentes aos Centros (Proposta Pedagógica do Sesc Ler, 2000).

Feito contato com o gestor da Prefeitura Municipal de Laranjal do Jarí, o Sr. Manoel da Conceição Gomes Coelho foi apresentada a proposta do Projeto Sesc Ler, e no dia 09 de outubro de 1998 através da Lei nº 129/98 foi concedido uma área de 10.000 m², situado à Avenida Tancredo Neves, s/n, bairro Castanheira designado à construção de um espaço para atender e desenvolver as atividades do projeto.

No ano de 1999 foi construído um prédio em madeira com uma cozinha, uma dispensa, um banheiro e uma sala de aula que funcionou como Unidade Escolar de Alfabetização de Adultos, iniciando com 10 alunos o qual tinha como professor o Sr. Manoel Nelson S. de Freitas chegando ao final do ano com 30 alunos. Em seguida iniciou a construção de um prédio em alvenaria o qual foi inaugurado em 21 de abril de 2001. Vale ressaltar que as contratações de funcionários desde 1999 são realizadas através de processo seletivo. Atualmente o centro dispõe de 15 funcionários: 8 professores, 2 vigilantes, 2 auxiliares de serviços gerais, 1 orientador pedagógico e 1 encarregado administrativo.

2.3. PROJETO SESC LER. PROPOSTA PEDAGÓGICA

O Projeto SESC Ler em Laranjal do Jarí é uma entidade educativa no sentido da formação, capacitação, construção de valores e desenvolvimento de jovens e adultos não escolarizados, contribuindo para que eles se compreendam como parte do meio em que vivem e busquem a melhoria de suas condições de vida no aspecto sócio cultural, econômico (inserção e interação produtiva), contribuindo, sobretudo para a redução do analfabetismo e déficit educacional local, atuando a partir de recursos do empresariado do comércio (nacional) e de parcerias locais, primando sempre pela qualidade dos serviços ofertados, pela inovação, criatividade e cumprimento de seus propósitos institucionais.

Embora o foco principal de atendimento do Centro seja a Educação de Jovens e Adultos, implantou-se o (Projeto Habilidades de Estudo – PHE) para atender crianças de 7 a 14 anos que estejam regularmente matriculados em escolas formais e apresentem dificuldade de aprendizagem. Sua proposta é trabalhar de forma diversificada no intuito de contribuir no desenvolvimento desse aluno.

Foto:6- Atividades com filhos de alunos da EJA



Fonte: SESC, 2010.

Outra finalidade do PHE, é atender os filhos e netos de seus alunos da EJA que pelo fato dos pais estarem passando pelo processo de letramento, não conseguem ajudá-los nas tarefas escolares e principalmente pela realidade de alunos da EJA que para estudarem precisam levar seus filhos para o Centro, assim

sendo oportuniza-se a superação das dificuldades das crianças e contribui para que o aluno da EJA permaneça estudando, pois muitos chegam a desistir devido a essas dificuldades.

Foto:7-Ações sociais Projeto SESC Ler



Foto:8- Ações sociais Projeto SESC Ler



Fonte: SESC, 2009

O Projeto Sesc Ler tem a finalidade de implementar um processo educativo integrado para jovens e adultos não escolarizados, respeitando a diversidade local. Para isso propõe que o aprendizado da leitura se realize numa constante prática de diálogo entre professores e alunos para que possa refletir suas próprias experiências, o que oportuniza a construção da consciência crítica sobre suas relações com o meio ambiente físico, social e cultural. Entretanto, nada se constrói sozinho e para isso o Centro Educacional SESC Ler busca parceiros que contribuam para a realização de suas estratégias no sentido de viabilizarem os desdobramentos de suas ações como: oficina de geração de renda, sorteio de cesta básica entre alunos que não faltam, consulta médica, capacitação profissional, fornecimento de material escolar, lanche, transporte e uniforme.

No intuito de afastar o risco de regressão ao analfabetismo o Centro Educacional Sesc Ler dispõe de estrutura física adequada e realiza visita domiciliar como forma de acompanhar o aluno e conhecer sua realidade. Também assegura o engajamento posterior em programas de ensino supletivo seriado presencial ou à distância, fornece certificado, atestado de aproveitamento e frequência (documento

este solicitado pelas empresas para admitir seus funcionários) além da articulação a programas esportivo, artístico e cultural. Os educadores que atuam no Centro, além de habilitados, sua prática pedagógica parte de discussões com alunos, orientadores e coordenadores onde são solicitados os registros escritos das atividades planejadas, o acompanhamento do desempenho dos alunos, atividade cuja aplicação resultou em fracasso ou sucesso, o relato do dia-a-dia em sala de aula, sugestões de idéias, enfim registro de instrumentos que auxiliam no planejamento, acompanhamento e avaliação.

Foto:9- Planejamento



Fonte: SESC, 2006

Foto:10- Visita ao aluno no local de trabalho

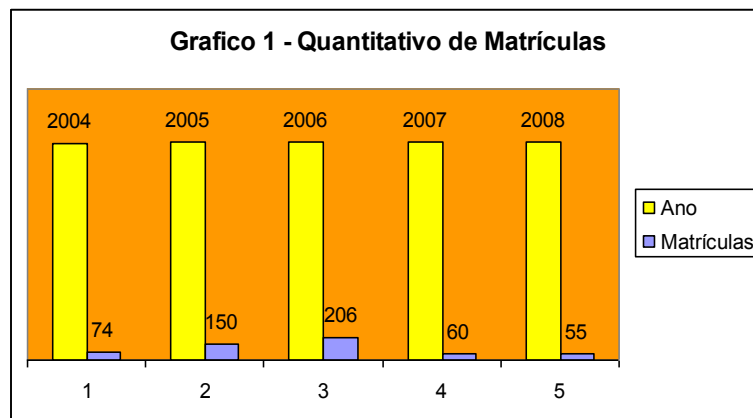


São adotados critérios pedagógicos para organização de turmas, horários, atividades, planejamento e estudo, de modo a qualificar o ensino e a aprendizagem no intuito de atender as expectativas dos jovens e adultos, oportunizando a leitura e escrita para que possam enfrentar as exigências do mundo contemporâneo e participem ativamente na construção de melhores condições de vida para si e para sua comunidade além de serem capazes de analisar e assumir posições em face dos problemas que enfrentam na sociedade.

O fato da linha filosófica do Projeto SESC Ler ser construtivista, a proposta pedagógica aplicada em sala de aula se desenvolve a partir de temas problemas

sugeridos pelos alunos, sendo que o mesmo não deverá encaixar conteúdos específicos, pois descaracterizaria o projeto. Vale ressaltar que se flexibiliza o horário das aulas de acordo com as necessidades do aluno, e sua inserção ao projeto pode acontecer em qualquer período letivo sendo que o mesmo passará por uma avaliação diagnóstica e será encaminhado ao ciclo correspondente ao seu nível.

No ano de 2004 existia um quantitativo de 74 alunos matriculados, em 2005 duplicou chegando a um quantitativo de 150 alunos, porém em 2006 as Empresas terceirizadas que prestam serviços (na área de reflorestamento, manejo, corte e plantio) a empresa Jarí Celulose a qual tem como meta educacional alfabetizar todos os seus funcionários e das empresas que a ela prestam serviços até o ano de 2012, passou a exigir que suas prestadoras de serviço no ato da admissão de seus funcionários solicitassem a apresentação da declaração que estariam matriculados em uma instituição de ensino, principalmente os que ainda não haviam sido alfabetizados.



Fonte: Acadêmicas da UNIFAP, 2010.

Diante a essa realidade o Centro firmou parceria com as Empresas NDR, DJ, RR, AGROMINAS E L.C BUENO apresentando o Projeto Ampliando Horizontes cuja finalidade era atender os alunos não alfabetizados, sendo que o projeto teria a duração de 3 anos que seria o tempo para os alunos cursarem alfabetização de 1º e 2º ciclo. Firmado parceria o projeto aconteceu nos anos de 2006 a 2008, como se observa no gráfico acima acréscimo de matrícula em 2006 embora tenha ocorrido muitas desistências nos anos seguintes. Na época funcionaram 09 turmas, sendo 03 turmas à tarde e 06 turmas à noite. Para atender a demanda se buscou parceria

junto a PMLJ a qual disponibilizou 03 salas de aula na Escola Weber Eider devido alguns alunos residirem na parte baixa da cidade. Diante a expansão das atividades do Centro Educacional SESC Ler buscou-se por questões administrativas, à regularização ou registro do Centro junto à Secretaria de Educação do Estado. Depois de providenciado toda documentação necessária, com base no Processo Nº 114/03 – CEE, dia 12 de abril de 2004, autorizou-se o funcionamento do Ensino Fundamental de 1ª a 8ª série através do Parecer Nº 08 / 04 – CEE, embora até o momento não funcione de 5ª a 8ª séries.

CAPITULO-3 MOTIVOS DA EVASÃO NA EJA DO CENTRO EDUCACIONAL SESC LER

3.1. UMA ABORDAGEM SOCIOLOGICA DE A EXCLUSÃO PARTIR DA DIVISÃO DO TRABALHO

Neste capítulo abordaremos o processo de evasão dos alunos na Educação de Jovens e adultos, objeto de nossa pesquisa, que como podemos perceber em abordagem quantitativa, foi de cunho puramente economico, por isso, empregou-se o método dialético para que assim se realizasse um processo de reflexão-ação acerca dos problemas enfrentados pelos alunos no que se refere ao enfrentamento com suas práticas. A opção por esse método deve-se ao fato do mesmo ter, segundo Lakatos (2000), função precípua de contribuir com as constantes transformações, sejam elas políticas, econômicas ou sociais que penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade. Portanto, é de fundamental importancia que compreendamos historicamente como vem ocorrendo o processo de exclusão social, nesses pressupostos, para entendermos quais os enquadramentos que levam a fuga de alunos e alunas da EJA no Centro Educacional SESC Ler no Município de Laranjal do Jari.

Segundo Durkheim(2000), a divisão do trabalho constitui um fenomeno essencialmente social, impulsionada pela solidariedade humana, que representa sua principal alavanca. Para ele, as sociedades arcaicas são caracterizadas por uma solidariedade mecanica que enraizada pelos fortes laços de consciencia coletiva, apresenta uma divisão de trabalho quase imperceptivel; enquanto que as sociedades avançadas, caracterizadas por uma solidariedade organica, resultante das dessemelhanças entre os individuos, apresentam uma divisão de trabalho mais evoluida. Apesar de pouco conhecemos às sociedades primitivas, podemos incluir perfeitamente à divisão do trabalho dentro das sociedades altamente complexas, onde por força da nova dinamica evolutiva, certamente provoca seus estragos. Mas, como pensar essa divisão do trabalho em um novo contexto social? Esse é nosso grande desafio.

Ao analisarmos a década de 90, frente a um acelerado processo de reestruturação produtiva e descompromisso da política econômica de governo, foi lançado mais um programa de estabilização, que rompeu de forma dramática o direito de propriedade e contratos vigentes, com um confisco inédito de ativos financeiros, depósitos bancários e salários.

No final de 1991, a inflação seguia célere uma rota de descontrole e a tentativa de controlá-la foi feita através de um choque monetário e creditício, que inaugurou uma política de juros reais positivos. (PRADO, 1999, P.15).

Esse choque de juros reais teve efeitos violentos sobre o desemprego. A taxa, que subia lentamente em 1990 e 1991, apesar de forte queda do Produto Interno Bruto (PIB), aumentou 75%, ampliando-se de 8,7% em 1989 para 15,2% em 1992, estabelecendo um novo patamar de desemprego (...) (PRADO, 1999, P.15).

Como podemos observar há um desvencilhamento da solidariedade humana provocado realmente pelos novos processos inerentes ao sistema, como o avanço tecnológico, o desemprego, a desqualificação dos trabalhadores e outros. Notamos que o reverterio dessa situação nos anos 90 deu-se a partir de novos espaços de negociações frente à reestruturação produtiva, e isso pode ser notado a partir de um estudo de caso que Ana Paulino e Adriana Marcolino fizeram nos anos 90 em seu trabalho denominado “A busca de novos espaços sindicais frente à reestruturação produtiva: o caso da Mercedes-Benz do Brasil de São Bernardo do Campo”. Esse exemplo, segundo as autoras foi escolhido, por essa fábrica ser, no cenário nacional um dos melhores exemplos de mudanças ocorridas no mundo do trabalho no Brasil.

Em 1992 a Mercedes-Benz, líder no mercado nacional de veículos pesados, preocupada com a concorrência e a conseqüente necessidade de modernização, deram origem a um processo produtivo chamado “Fábrica 2000”, que tinha em suas principais diretrizes o seguinte:

- Seguimentação das fábricas;
- Criação de grupos de trabalho;
- Criação de células de manufaturas;
- Implantação de melhorias contínuas;
- Terceirização.

Como podemos observar as inovações estão totalmente voltadas a organização da produção e a qualidade dos produtos. Neste contexto, o sindicato dos Metalúrgicos do ABC pressionou a empresa e começaram a discutir as inovações no sentido de diminuir seus efeitos negativos ao conjunto dos trabalhadores. E foi a partir dessa discussão, que os trabalhadores elaboraram uma proposta que tinha como fundamento o oposto dos fundamentos dos patrões – focavam suas propostas na valorização dos trabalhadores – onde seus principais pontos estavam:

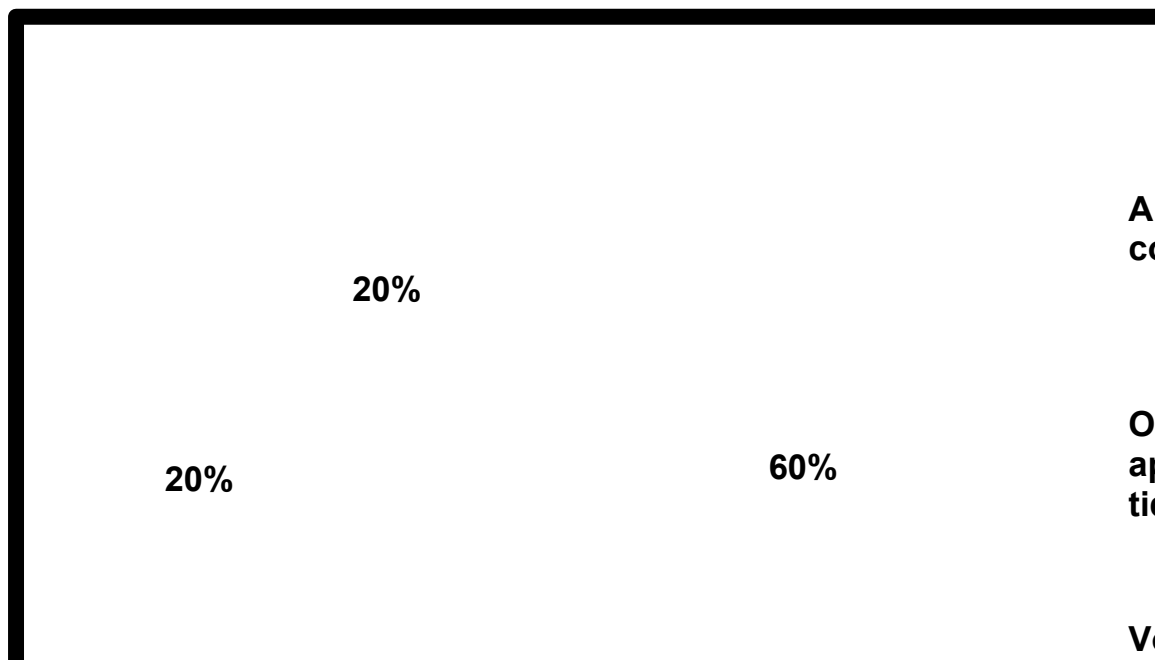
- Garantia de benefícios sociais;
- Melhoria da condição de trabalho;
- Redução da jornada de trabalho;
- Incentivo à educação e formação profissional
- Reestruturação de cargos, funções e salários;
- Negociação dos processos de reestruturação do trabalho;
- Participação nos lucros e resultados;
- Metas de produção, investimento e emprego;
- Democracia no local de trabalho.

É notório percebermos, que as propostas dos trabalhadores cambiam para uma solidariedade às avessas e ao mesmo tempo simultânea aos princípios do capital, e aqui sim, com um claro sentido subjetivo, mas frente há um tempo claro e objetivo. Neste aspecto a divisão do trabalho se torna clara a partir do confronto das relações de interesses de classes. (Paulino; Marcolino, 1999).

Nas fábricas do Município de Laranjal do Jari não foi diferente, os efeitos nefastos da reestruturação produtiva afunilou a divisão do trabalho e exigiu maior qualificação dos trabalhadores e trabalhadoras.

Com base na experiência ou em pesquisa sobre o tema, sabemos que os motivos que levam os jovens e adultos à escola referem-se predominantemente as suas expectativas de conseguir um emprego melhor, como demonstra o gráfico 1. Mas, suas motivações não se limitam a esse aspecto. Muitos se referem também à vontade mais ampla de “entender melhor as coisas, “se expressar melhor”, de “ser gente”, de não depender sempre dos outros”. Especialmente as mulheres, referem-se muitas vezes também ao desejo de ajudar os filhos com os deveres escolares.

Gráfico – 1 Motivação para estudar



Fonte: pesquisa de campo

Com o desenvolvimento da sociedade muitos avanços aconteceram, principalmente em relação ao sistema de produção, condição essa que criou exigências nas contratações, isto é, passou-se a exigir qualificação profissional, tornando-se assim, esta a razão de estudar. Contudo, a educação, na teoria de Bourdieu e Passeron (2008), perde o papel que lhe fora atribuído de instância

transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais.

Acompanhe trechos das conversas que tivemos com alguns alunos:

“Voltei a estudar porque queria arranjar um emprego melhor, com carteira assinada, mas ainda não consegui, até agora”. (José Pestana, 2010)

“Vim do nordeste para arrumar emprego e depois trazer minha família, como não trouxe minha documentação escolar, precisei me matricular pra pegar a declaração para me empregar”. (Francisco de Miranda, 2010)

“Voltei a estudar porque trabalhava como braçal, meu chefe disse que eu era bem responsável, mas que era preciso estudar para me tornar encarregado”. (Fábio da Silva, 2010)

“Me matriculei pra aprender a lê e pra assinar meu nome e aprendi. Hoje já consigo receber meu salário no caixa sozinho, me tremo todo de medo, mas eu acerto no final”. (Nilson Rodrigues, 2010)

Nota-se ainda que a luta maior não seja pelo conhecimento em si, pois no decorrer das entrevistas não detectamos alunos que façam planos ou sonham com uma graduação, as profissões que almejam não estão tão distante da realidade deles, não sugerem um salário para se ter qualidade de vida, enfim, querem aprender a escrever seus nomes, saber reconhecer o valor de um produto quando desejarem comprá-lo, a escrever e ler o suficiente para irem receber seus salários em caixas eletrônicos, pois é o meio que as empresas costumam pagá-los. Há os que desejam o ensino médio e os que são mais ousados, um curso técnico, tudo motivado pela necessidade de trabalhar, o que para eles é uma questão de sobrevivência.

Cada indivíduo passa a ser caracterizado por uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem inclui, por um lado, certos componentes objetivos, externos ao indivíduo, e que podem ser postos a serviço do sucesso escolar. Fazem parte dessa primeira categoria o capital econômico, tomado em termos dos bens e serviços a que ele dá acesso, o capital social, definido como o conjunto de relacionamentos sociais influentes mantidos pela família, além do capital cultural institucionalizado, formado basicamente por títulos escolares. (Bourdieu e Passeron, 2008)

Os alunos entrevistados são oriundos de classes populares, seus familiares não têm formação escolar por inúmeras situações, as quais também implicaram para

que as oportunidades de estudo para eles fossem poucas.

Ainda na visão de Bourdieu e Passeron (2008), as estratégias de vida mais adequadas, acabam por ser, incorporadas pelos sujeitos como parte do seu *habitus*, isto é, a partir dos exemplos de sucesso e fracasso no sistema escolar vividos por membros de sua família, tenderão a investir uma parcela maior ou menor dos seus esforços na carreira escolar, conforme percebam serem maiores ou menores as probabilidades de êxito.

Para piorar ainda mais a situação vivida pelos educandos, o sistema de ensino tem como proposta a priori neutralizar as exigências do mercado, mas, oferece uma educação que atende exatamente as demandas de exigência do mercado. Isto porque, urge entender que a educação não é neutra, é muitas vezes seletista e excludente. Assim, o papel da escola pressupõe preparar os alunos para ser absorvido pelo mercado de trabalho, o que descaracteriza a função social da escola: que é possibilitar o acesso ao conhecimento, como forma de promover o exercício da cidadania. Tomando como base essa premissa cabe ressaltar que a escola também funciona como aparelho ideológico do Estado. Nela se instaura uma relação de poder que favorece na sua maioria a classe dominante.

Todas as organizações contam com 'esses substitutos' que estão condenados pela ausência de títulos escolares a uma posição subalterna ainda que sua eficácia técnica os torne indispensáveis (...).(Bourdieu e Passeron, 2008, p. 202).

Portanto, é na maioria das vezes, os interesses da classe menos favorecida e sem muito estudo o alvo que se precisa para fortalecer essa ideologia dominante imposta pelo sistema.

3.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Continuando com a perspectiva do antagonismo de classes é necessário compreendermos, mesmo que superficialmente, como se deu esse processo ao longo da história. Sabe-se que os modelos de ações para a educação de adultos no

Brasil começam se delinear na década de 30, quando começa a se consolidar um sistema público de educação elementar no país. Neste momento a sociedade brasileira passava por grandes transformações, emergia com toda força o processo de industrialização que teve como conseqüência uma grande concentração populacional nos centros urbanos.

Na década de 50, eram grandes as críticas no tocante as deficiências administrativas e pedagógicas que norteavam essa modalidade de ensino, quanto ao curto período de tempo da alfabetização e da inadequação do método que não levavam em consideração as diferentes regiões do país.

A partir dessas críticas provocavam-se discussões que apontavam novos rumos à criação de novos paradigmas pedagógicos para a educação de adultos cuja principal referência neste campo foi a práxis educacional do educador Paulo Freire que inspiraram os principais programas de alfabetização e educação popular que se realizaram no país a partir da década de 60.

Neste contexto, diversos grupos de educadores engajados na efervescência política da época, foram se articulando e pressionaram o Governo Federal para criar um programa que atendesse suas aspirações. Então, a partir da pressão dos movimentos sociais organizados, surgiu em Janeiro de 1964, o Plano Nacional de Educação que pretendia a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização orientados pela proposta do Professor Paulo Freire. E foi dentro desse modelo metodológico que o projeto SESC Ler atuou na tentativa de formar cidadãos críticos capazes de compreender o mundo e transforma-lo

Desse modo, a pesquisa realizada nesse Projeto compreendeu etapas previamente estabelecidas, sendo, que no decorrer desse processo se teve algumas dificuldades em encontrar os alunos, pois alguns não mais residiam no município, foram para o interior e os que eram do nordeste retornaram a sua terra. Assim, o fato de não terem casa própria implicou em chegarmos ao endereço e eles não residirem mais.

De início nos debruçamos em documentos oferecidos pela Secretaria do Centro Educacional e com a colaboração de alguns professores, foi possível realizar as observações. Analisando os documentos do “Sub Projeto Ampliando Horizontes”, o qual atendia alunos trabalhadores, percebemos que os mesmos nos mostram que

estes alunos solicitavam declaração de matrícula a pedido de empresas e se houvesse contratação a empresa emitia um documento comprovando o vínculo com a mesma. Essa informação era repassada a coordenação pedagógica para fins de planejamento e controle junto aos professores diante de alguma necessidade do aluno. O subprojeto funcionou até o ano de 2008. Veja o quantitativo de matrículas.

TABELA 1: SUBPROJETO AMPLIANDO HORIZONTE

Ano / 2005	Ano / 2006	Ano / 2007	Ano / 2008
150	206	60	-

Fonte: Secretaria do SESC. Matrículas de estudantes do período de 2005 a 2008.

Analisando a tabela acima, percebemos que o aumento de matrículas se dá devido o aumento de oferta de trabalho, no ano de 2006 como houve muita oferta de mão-de-obra aumentou o número de matrícula, em 2007 caíram às contratações, conseqüentemente caiu o número de matrículas, e como em 2008 nas empresas houve uma pausa nas contratações, não houve matrículas, permanecendo no subprojeto alguns alunos trabalhadores remanescentes e o restante da comunidade local. Por isso, ao final de cada ano letivo, no período de 2005 a 2008, notamos o alto índice de alunos desistentes.

TABELA 2: PROJETO AMPLIANDO HORIZONTE

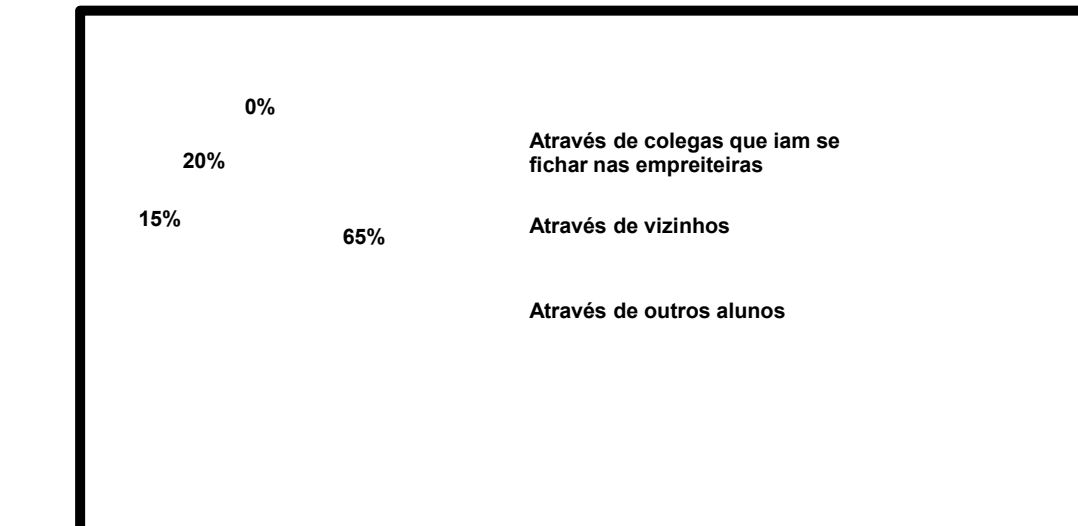
QUADRO DE ALUNOS	CATEGORIAS	2005	2006	2007	2008
	Desistiram após o seu recrutamento nas Empresas	26	42	15	-
Começaram a estudar e como não conseguiram emprego, desistiram.	04	12	02	-	
	TOTAL	30	54	17	-

Fonte: Secretaria do SESC. Detalhamento prévio da evasão de estudantes de 2005 a 2008.

Dos 101 (cento e um) alunos evadidos do subprojeto localizamos 10 (dez). Selecionamos mais 05 (cinco) alunos que não tinham ligação com o subprojeto, mas que eram alunos do Centro Educacional SESC, os quais também desistiram dos

estudos. Ao serem abordados quisemos primeiramente saber como ele ficaram sabendo da existencia do projeto SESC Ler.

GRÁFICO 02: CONHECIMENTO DA EXISTÊNCIA DO PROJETO SESC LER?



Fonte: Pesquisa de campo.

Os dados levantados demonstraram que 65% dos entrevistados ficaram sabendo do projeto através de colegas que pretendiam ser contratados pelas empresas, 20% através de outros alunos e 15% disseram ser através de vizinhos. Isso implica dizer que a razão de buscarem o estudo, se da por “coação do mercado de trabalho”.

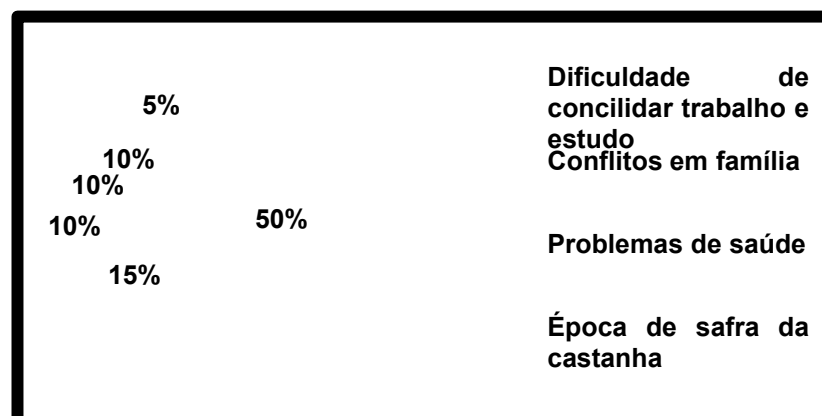
A escola nessa perspectiva assume um papel de oferecer aos alunos uma formação que atenda as exigências do mundo do trabalho. Fica nesse caso, evidenciado que o trabalho é hoje uma das principais motivações para que o aluno procure a escola. Diante do exposto, verifica-se que o papel da escola perpassa nesse sentido pelo que determina o sistema produtivo.

Assim, numa sociedade em que a obtenção dos privilégios sociais depende cada vez mais estreitamente da posse de títulos escolares, a escola tem apenas a função assegurar a sucessão discreta e direita da burguesia que não poderia mais se transmitir de uma maneira direta e declarada. Instrumento privilegiado da sociodicéia burguesa que confere aos privilegiados o privilégio supremo de não aparecer como privilegiados, ela consegue tanto mais facilmente convencer os deserdados que eles devem seu destino escolar e social à sua ausência de dons ou de méritos quanto

em matéria de cultura à absoluta privação de posse exclui a consciência da privação de posse. (Bourdieu e Passeron, 2008, p. 251).

Em relação a essa proposição é pertinente ressaltar que a busca pela formação escolar se tornou uma exigência nesse novo tempo, considerando-se que a necessidade de trabalhar levou muitas pessoas a procurarem a escola. Contudo, na sociedade burguesa para ocupar os postos de trabalho exige-se uma qualificação, ou seja, uma certificação, ou uma escolaridade mínima. Portanto, é importante elucidar que a partir dessa exigência a escola se torna um espaço de reprodução desse sistema burguês que se resume em preparar mão-de-obra para atender a demanda e os interesses da burguesia, sem se preocupar com a permanência dessa mão-de-obra, ou criar mecanismos para que ela realmente se torne qualificada frequentando a escola, gerando a expulsão e a consequente exclusão social de trabalhadores e trabalhadoras, conforme podemos observar no gráfico abaixo:

GRÁFICO 03: DESISTENCIA DOS ESTUDOS?



Fonte: Pesquisa de campo

Desse modo, a evasão escolar é um mal secular que assombra o sistema de ensino da rede pública, sendo diversas as razões apontadas pelos alunos. De acordo com o gráfico, os alunos responderam quanto ao motivo da desistência dos estudos no Projeto SESC Ler e Projeto Ampliando o Horizonte: dificuldade de conciliar trabalho e estudo (50%), conflito em família (15%), problemas de saúde 10%, época de safra da castanha 10%, desemprego (10%) e a distância do Projeto (5%). O que comprova qualiquantitativamente nossas hipóteses.

3.2.1 DIFICULDADES EM CONCILIAR TRABALHO E ESTUDO

É notório que o empregador tem interesse que o trabalhador produza e gere lucros, não há humanização, isto é, não importa se o empregado está bem, se tem condições físicas ou psicológicas para estudar depois de uma jornada de trabalho. Não importa se irão perder aula e se sua ausência na escola os prejudicará. Eles exigem que o empregado fique trabalhando e de certa forma o coage, deixando claro que tem pessoas querendo a vaga dele. Fica dessa forma, o trabalhador preso aos interesses do patrão, como foi o caso do seu José, que é nordestino vindo de uma família de 12 irmãos, sendo que somente dois tiveram acesso a escola, porém, só foram alfabetizados. Ele Trabalha com desgalhamento de eucalipto e seis pessoas dependem dele financeiramente. Atualmente encontra enormes dificuldades para frequentar a escola.

“Rapá eu me matriculei um “bucado” de vez, que eu ia pra lá ih ia uns três mês quatro mês aí dava uma parada, depois continuava de novo, aí com um tempinho nós começamo a trabaiaá pro Felipe, aí o horário lá não teve como continuar indo”.(José Barros, 2010).

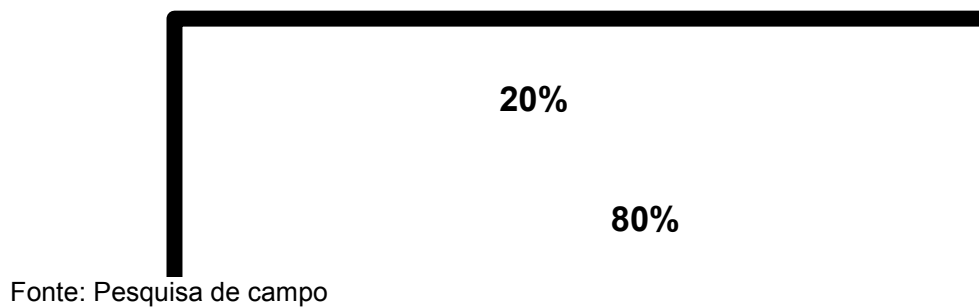
“O negócio é que eu tava empregado, ai depois de um tempo nos ficava trabaiaando até muito tarde, ai trabaiaava pro Felipe, aí quando eu chegava já era cinco horas, cinco e meia lá na beira. Aqui vinha chegar sete e meia aqui, em casa oito horas”.(José Barros, 2010).

Nota-se também que as políticas públicas educacionais da EJA inda não permitem que jovens e adultos possam inserir-se e manter-se como trabalhadores-cidadãos em condições de igualdade e competitividade no mercado de trabalho, além de não permitir a promoção do acesso e permanência à educação básica.

Vale ressaltar que fica explícito a incoerência das empresas que exigem que o funcionário se matricule para estudar, no entanto não se comprometem em dar condições para que o mesmo se mantenha na escola. A fábrica para funcionar precisa do trabalho realizado por esse aluno trabalhador, eles mantêm as caldeiras funcionando para a produção de celulose, no entanto, eles não são valorizados. A eles são negados o que lhe é de direito, a sua dignidade.

Para ilustrar essa realidade veja o que mostra o próximo gráfico.

GRÁFICO 4: DIFICULDADES EM CONCILIAR TRABALHO E ESTUDO.



Entende-se que conciliar estudo e trabalho além de ser desgastante é desleal, pois o mercado de trabalho preconiza uma relação desigual, a qual se exige tempo e disponibilidade em relação à força de trabalho e não há contrapartida, pois querem pessoas que possam desenvolver atividades laborais de forma eficiente e responsável pagando um salário baixo, para assim, aumentar a produção e consequentemente seus lucros.

3.2.2 CONFLITO FAMILIAR

Segundo Williams (1999), em se tratando de trabalho homens e mulheres estão inseridos no sistema produtivo, assim como na vida pública: do espaço comunitário ao governamental. Porém, as tarefas relacionadas à reprodução da sociedade (manutenção da casa e cuidar dos filhos), ainda estão sob total responsabilidade das mulheres.

Para Sardemberg (2004), se faz necessário observar com cuidado os padrões de divisão do trabalho e os espaços desiguais ocupados pelos homens e mulheres na família e como isso influenciou decisivamente na participação masculina e feminina na força de trabalho, para percebemos as consequências e conflitos, que causam nos dias atuais.

No decorrer dos relatos percebemos que embora estejamos no século XXI, a concepção quanto o papel da mulher na sociedade/família ainda é encarada de forma submissa, deixando subentendido que a mulher não seria capaz de ultrapassar o espaço da casa. Seus próprios companheiros ou familiares são determinantes para a conclusão ou abandono dos estudos, como pontuou uma das entrevistadas piauiense, doméstica que veio para a região com uma família que

trabalhava na empresa Jarí Celulose e ao serem transferidos para outra cidade a mesma decidiu ficar no Município. Dividindo aluguel com outra colega se instalou em Laranjal do Jarí e decidiu estudar no Projeto SESC Ler por influencia de pessoas conhecidas. Após estar estudando se amigou e logo engravidou e com seu filho já crescido parou de estudar.

“Passei um tempo bem estudando, aprendi a ler um pouquinho. Mesmo com as brigas em casa eu não deixava de ir, mas com um tempo o negócio complicou. Meu marido vivia me xingando, dando macho pra mim. Depois não tinha mais minha cunhada pra ficar com meu filho, ai que a confusão aumentou, ele nunca queria ficar com o menino pra mim ir pra escola. Mulher pra ele tem que ficar em casa, na rua vai dar confiança pra macho, aí pra evitar mais briga não fui mais pra escola (Ana Freitas, 2010).

As mulheres casadas e com filhos sofrem com pressão psicológica em relação ao estudo. A falta de apoio e compreensão em casa contribui para elas desistam de estudar. No decorrer das visitas ao centro encontramos mais mulheres separadas estudando, mesmo levando os filhos para a sala de aula contando com ajuda dos colegas, do que as casadas que não agüentavam as cobranças dos maridos e desistiam.

Como podemos perceber as necessidades de conciliar trabalho, estudo e cuidar dos filhos fazem com que muitas mulheres encontrem como alternativa abandonar a escola para cuidar exclusivamente da casa e dos filhos.

3.2.3 PROBLEMA DE SAÚDE DOS MAIS IDOSOS E FAMILIARES

Todos nós sabemos que envelhecer é um processo natural que acomete homens e mulheres em uma determinada etapa da vida, que provoca mudanças físicas, psicológicas e sociais trazendo consigo muitas perdas, dentre elas, a saúde destaca-se de longe em relação a outros.

Na escola, isso atrapalha sobremaneira o desempenho do idoso, atrelado aos problemas familiares é uma composição bombástica para o abandono dos estudos. Embora tenham vontade de aprender, as dores no corpo, a falta de visão acaba interferindo. Outro detalhe relevante é que eles sabendo da dificuldade em conseguir trabalho sem ter estudo, abandonam seu sonho de aprender a ler e escrever para

ficar cuidando dos netos para que as filhas estudem como é o caso de uma entrevistada amapaense que residia no interior do Município, que sempre teve vontade de estudar, mas não tinha escola onde morava. Seus familiares não são letrados, na sua adolescência morou com uma tia, mas era como se fosse empregada e seus pais não tinham condições de lhe manterem na escola, hoje com 67 anos se esforça para que seus filhos e netos estudem e mesmo em meio aos percalços se empenha em aprender. Dona Lúcia é uma aluna que abandona e depois de um longo tempo retorna para o Centro, quando presente participa de todas as atividades, mas tem algumas necessidades que a obriga a ficar ausente.

“Eu sempre gostei de estudar aqui, agora eu posso falar, por causa das criança quando tão doente, precisam do meu carinho, mas eu passei uns seis meses ou mais fora, mas eu continuei e vou continuar, agora que eu me dei assim, a hora que dá pra trazer as criança eu trago. Quando não dá, tem com quem eu deixar, eu deixo. Agora não tá tendo com quem eu deixar ele, hoje eu deixei com a mãe dele. Eu vim trabalhar e deixei ele lá”(M^a Lucia, 2010).

Comos podemos perceber no depoimento o idoso necessita estar engajado em atividades que o façam se sentir bem, deve estar envolvido em atividades ou ocupações que lhe proporcionem prazer e felicidade. A atividade grupal é, portanto, uma forma de mante-los engajados socialmente. A relação do idoso com outras pessoas contribui de forma significativa para sua qualidade de vida, e a escola, através da Educação de Jovens e Adultos deveria cumprir também esse papel.

3.2.4 PERÍODO DE SAFRA DA CASTANHA DO BRASIL

Os alunos oriundos de populações tradicionais, os quais não têm emprego fixo na cidade sobrevive de pequenos “bicos”, e na época da safra de castanha, abandonam os estudos para fazer a colheita para manter o sustento da família, como demonstra outro amapaense nas entrevistas; oriundo de populações tradicionais (castanheiro) e devido às dificuldades veio para a cidade em busca de melhores condições, mas mantém sua propriedade no interior.

“Tenho que fazer farinha né, ai tem o tempo da castanha, por isso que eu parei de estudar. Nós tem o sitio, vivo aqui e lá pro sítio, colocando a mandioca pra ralar né. Aqui eu num conseguiu emprego, fui lá, mas não me

ficharam, ai tem os filho pra criar... tem que ir colher castanha pra vender, não é muito, mas dá uma ajuda.” (Raimundo Mendes, 2010)

Ao analisarmos os documentos cedidos pela secretaria do SESC, percebemos que estes alunos oriundos de populações tradicionais não conseguem avançar nos estudos, pois todos os anos na mesma época (safra da castanha) eles deixam de ir a escola. Alguns retornam meses depois e o fato do Projeto acolher o aluno em qualquer tempo, ele pode retomar os estudos, no entanto sua aprendizagem fica comprometida, muitas vezes não consegue acompanhar a turma o que contribui para ficar retido. Os professores relatam que este fato gera certa insegurança no aluno, sentimento de derrota no processo escolar abalando sua auto-estima, e de forma implícita essa decepção, embora saiba que foi gerida por necessidade faz com que este sujeito abandone o ambiente escolar.

Baseados na situação vivida pelos alunos o modelo filosófico que mais se encaixa para o desenvolvimento desses trabalhadores e trabalhadoras é aquele baseado na ANDRAGOGIA, que deriva do grego “ander” que significa adulto e “agogus” que significa conduzir, guiar. Portanto, a andragogia pode ser definida como a ciência e arte de auxiliar seres humanos adultos a aprender.

A Andragogia tem como características básicas: ser um processo de aprendizagem de ação e participação, mais centrada no processo do que no conteúdo; na aprendizagem do que no ensino; no participante do que no facilitador; na atividade do que na passividade; no clima de interesse e necessidade do participante do que em provar o conhecimento do facilitador; no contrato de aprendizagem do que no programa à priori; na apropriação do saber do que no conhecer; na avaliação como autodiagnóstico dos hiatos das competências que pretende alcançar.

Portanto, chegamos a conclusão que o processo de abandono de alunos e alunas adultos pelo Estado está relacionado a questões econômicas e, portanto a falta de adaptação da escola ao ritmo e ao tempo de cada um.

3.2.5 DESEMPREGO

O homem é um sujeito histórico capaz de transformar sua própria história enquanto “objeto” dela através do saber.

Hoje, tais transformações se dão de maneira rápida, e ao mesmo tempo lenta demais, dependendo do espaço geográfico e do tempo das pessoas. Resultado do modelo desenvolvimentista neoliberal, para atender a que interesses e ideologias? Quais os resultados deste modelo para os trabalhadores, que não são especializados profissionalmente, mas, que sofrem todas as consequências ao virem seus espaços geográficos e temporais serem modificados violentamente, destruindo valores éticos e morais, conceitos políticos e sociais, enfim, destruindo oportunidades e sonhos, principalmente de populações de baixa renda, cuja consequência maior é o desemprego?

Os alunos que ficaram desempregados relatam que não têm como se manter na cidade. Refugiam-se nos interiores, onde vivem da pesca, caça e do que plantam. Destacaram que não tinham casa própria na cidade, moravam alugado e ao chegarem ao interior as escolas que existem trabalham somente com crianças e não adultos.

“(...) eu não tenho casa aqui né, ai eu fiquei de conta, eu e mais um monte. Como eu ia pagar aluguel dum barraco se eu tava sem trabalho? As professoras me chamaram pra fazer uns bicos né, mas nem sempre tem serviço. As empreiteiras num tão fichando, ai o jeito e ir pro sitio, la eu planto e o que da eu posso comer. No interior tem escola, mas não pra nós que já tamo ficando velho. (Miguel Corrêa, 2010).

Este modelo econômico que privilegia sempre o mercado consumidor e quase nunca a mão-de-obra, levando em consideração que possuímos excesso dela e com escassa qualificação não interessa para os trabalhadores e trabalhadoras rurais da Amazônia.

Portanto concluímos que o fator econômico tem ligação direta com a evasão escolar. O aluno de baixa renda precisa trabalhar para se manter tanto na escola quanto na cidade, e como não há política pública eficaz direcionada a estes alunos a situação de precariedade se arrasta por longos anos. Diante a realidade, entende-se que a escola por trabalhar diretamente com estes alunos e conhecer suas

dificuldades não se sente responsável pelos mesmos, pois não buscam mecanismos que mudem esta realidade.

3.2.6 DISTÂNCIA

Quando o subprojeto foi implantado, havia turmas no centro (beira) que funcionavam na Escola Weber Eider, devido à maioria dos alunos residirem próximo. Mas quando as turmas passaram a funcionar somente no Centro Educacional localizado no Loteamento Cajari, os alunos afirmam que não tinham condições para pagar transporte, conforme relata um aluno, “Eu ia e voltava de bicicleta, mas ai roubaram a bicicleta, ai num dava pra ir a pé (...)”. Neste sentido Bourdieu e Passeron afirmam.

A análise, mesmo multivariada, das relações observadas num determinado momento entre as características de categoria de uma população escolar, que é o produto de uma série de seleções baseadas nessas mesmas características ou que, se assim preferir, é o produto de uma série de triagem indireta, sob o prisma das variáveis consideradas (ou seja, antes de tudo, as de origem social, de sexo ou de residência geográfica). (Bourdieu e Passeron, 2008, p. 178)

Como percebemos, essas questões perpassam por fatores de ordem social, econômica e porque não dizer política. No entanto, as necessidades educacionais precisam de maior atenção, pois é o único caminho capaz para transformação humana social dos indivíduos, conduzindo-os para uma visão crítica, conscientizando e preparando-os para viverem em sociedade e assumindo a sua cidadania, (Marx, 1991, p. 27 apud Azevedo, 2010, p.7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto atingimos nosso objetivo de compreender os motivos da evasão escolar na EJA no Projeto SESC Ler, segundo as justificativas dos próprios ex-estudantes, pois os mesmos de forma solícita nos receberam e dentro de suas possibilidades deram sua contribuição.

A pesquisa bibliográfica possibilitou conhecermos em qual contexto esta modalidade de ensino surgiu no Brasil, como desenrolar do processo em seus avanços e fracassos, e, mesmo em meio à falta de responsabilidade política, encontrou cidadãos que realmente se empenharam em discutir, reelaborar, programar meios propícios a realidade do público alvo da Educação de Jovens e Adultos. O levantamento documental, além de oportunizar a exposição tabular e gráfica com métodos estatísticos nos aproximou de todos os funcionários do SESC de Laranjal do Jarí, a exemplo, do momento que organizamos os documentos do *Projeto Sesc Ler* no arquivo morto da Secretaria do SESC, quanto na etapa de identificação dos alunos matriculados no período de 2005 até 2008, visando ter acesso a dados pessoais para localizá-los. Destacamos que os funcionários que conheciam esses alunos teceram relatos que contribuiu posteriormente para a análise do objeto de estudo. Nas entrevistas com os ex-estudantes, optamos a metodologia da história oral, que nos possibilitou deixar o grupo de entrevistado a vontade para falar e em seguida analisar nas suas narrativas o que o era o foco da pesquisa.

O resultado da pesquisa indicou 06 (seis) aspectos como motivos para a evasão escolar no Projeto SESC Ler: a dificuldade em conciliar trabalho e estudo, o conflito em família, problemas de saúde e familiar, a época de safra da castanha, o desemprego e a distância do Projeto em relação a local de moradia dos estudantes. Como percebemos os motivos relatados pelos ex-estudantes foram diversos, tanto de ordem social, econômica e cultural. É oportuno lembrar que há necessidade de políticas públicas que busquem o comprometimento de empregadores no sentido de não só permitir que os empregados estudem, mas de certa forma que consigam concluir seus estudos permanecendo empregados. Torna-se fundamental, mudanças na distribuição de renda, pois fatores de natureza político social implicam na evasão e embora o cenário educacional brasileiro seja insatisfatório, as pessoas

que conhecem um adulto não alfabetizado devem falar da importância da educação formal e incentivá-los a procurar uma escola com atuação na Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIA

ABREU, Almiro Alves. **Educação Entre Grades: Um Estudo Sobre a Educação Penitenciária no Amapá, 2008**, p143 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2008.

AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. **Causas e conseqüências da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na Escola Municipal “ Espedito Alves” – ANGICOS/RN.**

ALBERTI, V. **Manual de História Oral.** 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

BARBETA, Pedro Alberto. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais.** 4ª Ed., Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

BARROS, José João. **Entrevista concedida à Ariandne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira.** Laranjal do Jarí-AP, 2010.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. **A reprodução:** elementos para uma coisa do sistema de ensino. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CRESPO, Antonio Arnot. **Estatística Fácil.** 18ª Ed., São Paulo: Atlas, 2002.

CORREA, Miguel Arcangelo. **Entrevista concedida à Ariandne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira.** Laranjal do Jarí-AP, 2010.

CORREIA, SHIRLENE DA SILVA. **A Educação de Jovens e Adultos no Estado do Amapá:** história, limites e possibilidades. Trabalho de final de curso de Especialização em PROEJA. Belém, CEFET/UFPA/MEC, 2006.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão Social do Trabalho,** São Paulo, Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Paul. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção leitura).

FREITAS, Ana Maria. **Entrevista concedida à Ariandne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira.** Laranjal do Jarí-AP, 2010.

GUIMARÃES, Maria Lúcia M. **Entrevista concedida à Ariandne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira.** Laranjal do Jarí-AP, 2010.

GENTILI, Pablo. Adeus a Escola Pública, In: **Pedagogia da Exclusão – Crítica ao neoliberalismo em Educação.** Pablo Gentili (Org.) Petrópolis-RJ. Vozes. 6ª ed. 1995.

HADDAD (Coord.), Sérgio. **Educação de jovens e adultos no brasil (1986-1998).** Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002. p. 25-54. (Série: Estado do Conhecimento).

IBGE. www.ibge.gov.br/home/...20122002.censo.shtm. Acesso em 23 jul 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia Científica**. 3ª Ed-São Paulo. Atlas, 2000.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. **Eja: Uma educação possível ou mera utopia**. Faculdade Santa Teresinha e Faculdade Michelangelo, 2010.

MENDES, Raimundo. **Entrevista concedida à Ariadne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira**. Laranjal do Jarí-AP, 2010.

MIRANDA, Edno Ribeiro. **Entrevista concedida à Ariadne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira**. Laranjal do Jarí-AP, 2010.

MOURA, MARIA DA GLÓRIA CARVALHO. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica**. Curitiba: Educarte, 2003.

OLIVEIRA, Marta Kokl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera Mazagão. **Educação de Jovens e Adultos: Novos leitores, novas leituras**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 15- 43.

PASTANA, João. **Entrevista concedida à Ariadne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira**. Laranjal do Jarí-AP, 2010.

PAULINO, Ana Yara & MARCOLINO, Adriana Marcia. A busca de novos espaço de negociações sindicais frente à reestruturação produtiva: O caso da Mercedes-Benz do Brasil de São Bernardo do Campo. In: Emprego e Desenvolvimento Tecnológico. UNICAMP, São Paulo, 1999.

PILETT, Nelson. Modalidades Especiais de Educação. In: PILETT, Nelson. **Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental**. 25ª Ed. São Paulo: Atica, 1999.

PORCARO, Rosa Cristina. **A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. 2003, disponível em: www.dpe.ufv.br. Acesso em: 23 jul 2010.

PRADO, Antonio. Globalização e desemprego nos anos 90. In: Emprego e Desenvolvimento Tecnológico. UNICAMP, São Paulo, 1999.

PREFEITURA DE LARANJAL DO JARÍ. **Plano Diretor de Laranjal do Jarí**. Laranjal do Jarí-AP, 2010. (Arquivo Público / Registro fotográfico de localização geográfica).

RODRIGUES, José Nilson. **Entrevista concedida à Ariadne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira**. Laranjal do Jarí-AP, 2010.

SANTOS, Gisele do Rocio Cordeiro Mugnol; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. **Orientações e dicas para trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Ibpx, 2007.

SANTOS, Floriano M. **Entrevista concedida à Ariadne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira**. Laranjal do Jarí-AP, 2010.

SARDENBERG, Cecília M^a Barcellar. FEEREIRA, Silvia Lúcia. COSTA, Ana Alice Alcântara. *A face Feminina do Complexo Metal-mecânico: Mulheres Metalúrgicas no Norte e Nordeste*. Salvador: coleção baihanas, 2004.

SECRETARIA DO SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Registro Fotográfico de Problemas Sociais**. Laranjal do Jarí-AP, 2010. (Arquivo do Centro Educacional Sesc Ler).

_____: **Registro fotográfico do prédio do Centro Educacional**. Laranjal do Jarí-AP, 2010. (Arquivo do Centro Educacional SESC Ler).

_____: **Registro fotográfico do Centro Educacional Sesc Ler**. Laranjal do Jarí-AP, 2010. (Arquivo do Centro Educacional SESC Ler).

_____: **Registro fotográfico de Ações Sociais**. Laranjal do Jarí-AP, 2010. (Arquivo do Centro Educacional SESC Ler).

_____: **Registro fotográfico de planejamento e visita ao estudante em seu local de trabalho**. Laranjal do Jarí-AP, 2010. (Arquivo do Centro Educacional SESC Ler).

_____: **Matrículas de estudantes do período de 2005 a 2008**. Laranjal do Jarí-AP, 2010. (Arquivo do Centro Educacional SESC Ler / Subprojeto Ampliando o Horizonte).

_____: **Detalhamento prévio da evasão dos estudantes de 2005 a 2008**. Laranjal do Jarí-AP, 2010. (Arquivo do Centro Educacional SESC Ler / Subprojeto Ampliando o Horizonte).

_____: **Proposta Pedagógica**. Laranjal do Jarí-AP, 2010.

SILVA, Fabio Junho. **Entrevista concedida à Ariadne Paixão Pinheiro e Rozilda Ferreira**. Laranjal do Jarí-AP, 2010.

VALE, A. M. **Educação Popular na Escola Pública**. São Paulo: Cortez, 1992.

VASQUEZ, Eliane Leal. **Sociedade Cativa. Entre Cultura Escolar e Cultura Prisional: Uma incursão pela Ciência Penitenciária**, 2008, 169 f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

ANEXO 1:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
 PRO REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
 CAMPUS SUL LARANJAL DO JARÍ
 CURSO: GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
 PROFESSOR ORIENTADOR: RICHARD DOUGLAS COELHO LEÃO
 ACADÊMICAS ARIANDNE MARIA PAIXÃO PINHEIRO
 MICHELLE LIDIANE RAMOS RIBEIRO
 ROZILDA PEREIRA FERREIRA

**ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA
 COM ALUNOS EVADIDOS**

**PROJETO DE PESQUISA:
 “EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
 O CASO DO PROJETO SESC LER DE LARANJAL DO JARÍ”**

I – DADOS PESSOAIS:

- 1-Trabalha: ()Sim ()Não Cargo que ocupa:_____
- 2-Além de você alguém mais trabalha da sua família? ()Sim ()Não
- 3-Somando a renda de todos que trabalham fica em torno de quanto?
 ()Menos que 01 S. Mínimo ()03 a 04 S. Mínimo
 ()01 a 02 S. Mínimo ()05 ou mais S. Mínimo
- 4-Quantas pessoas dependem financeiramente de você?
 ()Nenhuma ()04 a 05 pessoas
 ()01 a 03 pessoas ()06 ou mais pessoas
- 5-Sua residência é: ()alugada ()própria () ()outros_____
- 6-Marque os objetos que tem na sua residência
 () geladeira () parabólica () fogão a gás () tv
 () guarda roupa () computador () aparelho de som () dvd
- 7-Você usava qual meio de transporte para chegar ao Centro Educacional?
 ()ônibus urbano ()bicicleta () transporte da escola () outros_____

II- PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS NO CENTRO EDUCACIONAL SESC LER:

- 8-Como chegou ao seu conhecimento à existência do Centro Educacional Sesc ler em Laranjal do Jarí?
- 9-O que motivou a estudar no Centro Educacional Sesc Ler?
- 10-O que fez você desistir de estudar no Centro Educacional ?
- 11-Na época em que se matriculou no Centro Educacional você já estava trabalhando?

12-Existia dificuldade em conciliar trabalho e estudo? Quais?

13-Houve mudança na sua vida após está estudando? Quais?

14-No período em que estudou você ficou retido em alguma etapa?

**III – PALAVRAS FINAIS DOS ENTREVISTADOS SOBRE OS MOTIVOS DA SUA
DESISTÊNCIA DO PROJETO SESC LER / SUBPROJETO AMPLIANDO O
HORIZONTE**